

## Violência doméstica e os efeitos da Covid-19

# A dor de quem sofre

Por Raul Senda

**A** pandemia da Covid-19 está a trazer dor e penúria a famílias moçambicanas. Até última terça-feira, o país tinha registado um total de 134.343 casos que resultaram em 1641 mortes. Por outro lado, as restrições impostas pela pandemia estão a transformar lares moçambicanos em epicentros de violência e crueldade, onde as mulheres aparecem como principais vítimas. São histórias tristes de uma realidade de quem vive o sofrimento em dose dupla: a violência e os efeitos da Covid-19.

"A Covid-19 caiu-nos como um dilúvio. Mudou as nossas vidas. Tirou-nos emprego, alimentos, esperança, sonhos, paz e harmonia. De família alegre e unida, a nossa casa virou um mastro de problemas. O meu marido anda deprimido, nervoso e sempre que esgota argumentos recorre à violência. Ele bate em mim com alguma frequência e, por vezes, à frente das crianças", desabafa Celma Timóteo, 38 anos, desempregada e mãe de quatro filhos.

Residente no bairro Maguaine "C" arredores da cidade de Maputo, Celma, formada em educação de infância, conta que, antes da pandemia, era gestora de um centro infantil que é também co-proprietária com o marido que, deixou o professorado para investir no negócio próprio. Sendo formada em educação de infância e o marido psicopedagogo, o casal apostou na educação pré-escolar,

tendo, para tal, investido num centro infantil.

"Antes da pandemia, o negócio estava a dar", explica.

Foi na senda dessa prosperidade que, em Outubro de 2019, solicitaram crédito bancário a fim de investir no melhoramento das infraestruturas para iniciar o ano lectivo 2020 em alta. Com a banca acordaram um plano de amortização de 36 meses.

"Até aí estava tudo bem. Os encargos responderam às reformas de forma positiva e tivemos muita aceitação em termos de educandos. Contudo, o nosso sonho desmoronou em Março de 2020, quando o Presidente da República ordenou a suspensão de aulas presenciais. No princípio pensamos que fosse algo passageiro e, aguentamos com as nossas poupanças, mas não resistimos a gastos sem retorno", desabafa.

A partir do momento em que a Covid-19 foi uma realidade no país, a vida de Celma e sua família nunca mais foi a mesma. A fraternidade, o afecto, a harmonia, a paz, o amor, a amizade, a benevolência e a ternura foram substituídas pela violência e crueldade.

As carências e os problemas pelos quais o casal está a passar tornaram o marido rude e violento.

Devido às agressões que tem sofrido, Celma apresenta hematomas e cicatrizes em quase todo o corpo.

De tantos episódios de violência que passou, Celma recorda-se da noite de um sábado, dia 27 Fevereiro de 2021.

Era hora de jantar. Tinha preparado arroz com verduras. Confeccionava caril de couve pela terceira vez naquela semana e o marido não gostou. Começou o barulho e, dessa vez, ela retrucou dizendo: "agradeça por ter essa couve na mesa". A resposta avolumou os nervos do marido. "Já te percebi, agora que não trabalho já me enfrentas, me desafiavas? Então vamos ver quem é macho nesta casa".

Explica que o marido lançou o primeiro golpe no abdómen. Na altura estava com a filha menor de três anos. As duas caíram, mas os golpes continuaram. Cesuraram quando o marido descobriu que os vizinhos se tinham apercebido dos gritos da mulher e dos filhos que assistiam a violência.

Sem jantar, o marido foi a cama, mas não ganhou sossego. Horas depois voltou ao quarto dos filhos onde estava a Celma e apercebeu-se de que algo não estava bem.

Perguntou se podiam ir ao hospital, mas ela recusou. Pela manhã, apercebendo-se da gravidade dos danos, o marido apelou à esposa para que fosse ao hospital. Como o apelo era também feito pelos filhos, Celma acedeu.

De imediato, o marido ligou para pessoas próximas solicitando apoio financeiro, mas, para tal, omitiu a informação e adulterou a realidade dos factos.

Levou a esposa para uma clínica privada, porque temia que num hospital público, o assunto pudesse chegar às autoridades policiais.

— O que aconteceu contigo?", pergun-



Mesmo com avanços que o país registou em termos de legislação, as mulheres

tou o técnico da saúde à vítima.

"Caminhava pela noite numa rua escura e caí numa cova", respondeu.

Celma conta que, desconfiado, o agente da saúde ignorou a explicação da vítima e continuou com os tratamentos.

Depois de atendimento, o profissional da saúde ordenou alguns exames.

Mais uma vez, o marido teve que recorrer aos amigos para conseguir dinheiro, a fim de levar a esposa a um laboratório privado.

Prisra que a violência se alastrava até

ao capítulo sexual e a Celma tinha que aceitar a cópula mesmo sem vontade, porque, caso criasse dificuldades, o óstio recorria à violência física e verbal para alcançar seus objectivos.

"Cheguei um tempo em que praticava sexo por medo e não por vontade", desabafa.

Devido à intensidade das dores e a constância da violência, Celma ponderou denunciar o marido, mas recuou, porque pensou nos filhos.

"Pensei em denunciar meu marido, fiz algumas consultas junto dos meus padrinhos, pais e sogros, mas disseram-me que não era a melhor opção. Reflecti e também concluí que não seria a melhor saída. Sem uma fonte segura de renda, e temendo a prisão do meu marido, não imaginava o futuro dos meus filhos", explica.

Celma Timóteo é apenas um de milhares de rostos de mulheres vítimas da violência baseada no género em tempos da Covid-19.

Dados do Ministério do Género, Criança e Acção Social (MGCAS) indicam que de um total de 22.978 casos de violência baseada no género, registado em 2020, 12.398 foram em mulheres e 7.455 em crianças.

No primeiro trimestre de 2021 foram atendidos 3.138 casos de violência doméstica. Embora o número represente uma queda de 7,2% em relação ao período análogo de 2020, onde houve o registo de 3.366 casos, os registos estão muito longe da realidade. Muitos crimes atinentes à violência doméstica são protagonizados dentro da esfera familiar ou por pessoas próximas às vítimas e, por essa razão, não são denunciados às autoridades.

As mulheres lideram o número de casos da violência baseada no género, mas não são as únicas vítimas. Na mesma situação se encontram homens, crianças e idosos.

## Mudança de atitude

**L**ídia Chongo, directora nacional do Género no MGCAS, disse que a violência baseada no género é um obstáculo à concretização dos objectivos da promoção da igualdade de género e autonomia das mulheres. A mesma impede o desenvolvimento de uma sociedade harmoniosa, difícil e atula o gozo dos direitos humanos e liberdades fundamentais. Esta situação, frisa, exige uma profunda mudança de atitudes dos pais, mães, família, das lideranças locais e da sociedade, a todos os níveis, com vista a cultivar uma educação e cultura de paz e respeito para com as pessoas. Para Chongo, em qualquer situação de emergência, como é o caso da que se vive neste momento, em consequência da Covid-19, as mulheres são mais sacrificadas, porque são o grupo que aparece na linha da frente

para garantir a subsistência das famílias.

Embora seja notável a presença de homens, o sector informal é dominado por mulheres e, estas têm sido responsáveis, através de pequenos



"Em qualquer situação de emergência, as mulheres são mais sacrificadas", Lídia Chongo

negócios, pela busca de sustento na família.

Com o eclosão da pandemia, grande parte destas actividades foram interrompidas ou restringidas, o que até certo ponto limita a base de sustento de certos agregados familiares.

Mediante esse cenário, os grupos viram-se obrigados a adoptar novas formas de sobrevivência. Contudo, as dificuldades persistem e em algum momento afectam a paz, a tranquilidade e a harmonia familiar.

"Muito antes da pandemia, o Governo já vinha prestando assistência a classes vulneráveis, mas a Covid-19 alterou muitos paradigmas sociais e económicos e como pelouro vimo-nos obrigado a desenhar novas estratégias de mitigação dos efeitos negativos resultantes deste mal".

Refere que muitas vezes, os números de casos de violência baseada no género que chegam às autoridades não espelham a realidade, porque, infelizmente, só se regista o que é possível

e muitas vítimas omitem a informação.

"A maior parte da violência contra o género acontece no seio das famílias e de lá, a informação dificilmente sai", lamenta.

Chongo diz que nos últimos anos, o país estabeleceu mecanismos sectoriais visando a protecção da mulher.

Contudo, apesar dos avanços registados, o abuso e assédio sexual, a violência doméstica, as uniões prematuras e gravidez precoce ainda constituem barreiras para as mulheres, não permitindo que gozem com plenitude os seus direitos e participem, em pé de igualdade com o homem, nas várias esferas.

Para Chongo, esta situação exige de toda sociedade, a mudança de actitudes que as mulheres e homens assumam que a violência não pode ser justificada e que todos devem contribuir para a sua eliminação.

# re em dose dupla



Victimas do aumento de casos de violência baseada no gênero

Enquanto nas mulheres a violência é mais física, nos homens é psicológica. No ano passado, 2.402 homens foram vítimas da violência doméstica e até Março de 2021 cerca de 450 homens tinham se queixado das crueldades perpetradas pelas suas parceiras.

Gerônimo Matiasse\*, 42 anos, solteiro e pai de três filhos, residente no bairro Gueva, distrito de Marracune, província de Maputo, é uma das vítimas da violência psicológica e, hoje, ressentido-se.

Diz que anda com sérios problemas de hipertensão arterial devido ao stress resultante dos impropérios que recebe da sua esposa.

Matiasse prestava serviços num estabelecimento hoteleiro na cidade de Maputo há mais de 15 anos. Com a pandemia, o hotel perdeu clientela e dificuldades financeiras renasceram. Sem capacidades financeiras, a entidade patronal optou por reduzir a mão-de-obra. Matiasse foi dos abrangidos. Está sem trabalhar desde Janeiro de 2021.

Conta que com indemnização procurou fazer pequenos negócios, mas não está a ser bem-sucedido e passa por várias dificuldades.

Gerônimo Matiasse diz que perdeu emprego, perdeu auto-estima, dignidade e a sua masculinidade é muitas vezes posta em causa pela esposa e familiares.

Frisa que pelo nível de desprezo e humilhação que sofre no seio familiar, desde que perdeu a capacidade de provedor, por vezes, tem vontade de abandonar a casa, a esposa e os filhos e regressar à província de Gaza onde nasceu.

"Por vezes sinto que a vida ficou sem graça, me aparece vontade de suicídio, mas, depois de meditação, concluo que essa não é a melhor via e reanimo-me. Contudo, não tem sido fácil", desabafo.

Na realidade, a violência baseada no gênero manifesta-se de várias formas e segundo dados do Gabinete Atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência, os tipos de violência mais frequentes são a física, psicológica, moral, patrimonial, sexual e social. Emmanuel da Conceição Matimile, psicólogo e docente universitário, fala da violência baseada no gênero e explica que é uma ação de violência que tem como consequência algum tipo de dano. Muitas vezes, este tipo de violência consiste na agressão física, intimidação, insultos, ameaças, humilhação, coerção e até privação da liberdade.

Explica que a violência baseada no gênero incide mais sobre a mulher, porque, devido ao tipo de educação social e psicológica que recebe na fase de infância e da juventude, esta entende o ciclo abusivo como amor, para além de que, as suas referências, no passado, viveram debaixo desta violência.

"Muitas vezes, a mulher vítima de agressão tende a justificar o comportamento do parceiro, negando a importância de determinadas situações prejudiciais, e fica comovida quando ele se mostra arrependido", argumenta. A pandemia da Covid-19 limitou as fontes de renda de muitas famílias e agudizou as dificuldades e, segundo Matimile, quando o companheiro ou companheira deixa de falar com a outra parte porque não está a ter soluções para uma determinada dificuldade, quer material ou financeira, está-se perante uma violência.

Matimile frisa que o ciclo de violência inicia de forma tênue e lenta, tendendo a se intensificar enquanto o relacionamento vai se desenvolvendo. Acrescenta que, usualmente, o parceiro que agride não começa com agressões físicas, começa com alguns tipos de atitudes menos explícitas, que impedem a liberdade de escolha da parceira, cria situações constrangedoras, repressando algumas características.

Sublinha que as diferentes formas de violência praticadas pelo companheiro ao longo do relacionamento não é uma tarefa fácil para as mulheres, uma vez que envolve sentimentos, filhos e até dependência financeira.

Além de prejudicar o bem-estar da mulher, homem, criança ou idosos, a violência baseada no gênero também acarreta custos sociais e financeiros muito altos.

Muitas vezes, as vítimas de violência doméstica precisam de assistência médica, aconselhamento psicológico, tramitação de processos judiciais, pagamento de cauções judiciais, logística para as vítimas acolhidas em abrigos de refúgio. Também contribui para a desintegração da estrutura familiar.

## Legislação e políticas contra a violência

A violência baseada no gênero é uma

violação dos direitos fundamentais do ser humano e constitui um problema sério de saúde pública.

Tem impacto profundo na saúde física, sexual e mental da vítima, tanto no momento do acontecimento, como na sua vida futura.

A fim de proteger a mulher, o Estado moçambicano consagrou, na Constituição da República, a igualdade de direitos para homens e mulheres, nas esferas económica, social, política e cultural.

Em 2009, foi promulgada a Lei nº 29/2009, de 29 de Setembro, sobre a Violência Doméstica Praticada con-

tra a Mulher, que, para além de criminalizar a violência contra mulheres, torna esta prática um crime público, o que abriu espaço para acabar com a impunidade dos perpetradores, especialmente, na esfera doméstica onde ocorre a larga maioria dos casos.

Por seu turno, o Programa Quinquenal do Governo (PQG) 2020-2024, dentre vários objectivos, refere-se à cultura de não-violência; advoga o combate a todas as manifestações de discriminação e exclusão com base nas diferenças de gênero; promove a cultura de paz, de diálogo, tolerância, humanismo reconciliação em todas

as esferas da vida política, económica, social, cultural e religiosa.

Na mesma senda, foi aprovado o Plano Nacional para Avanço da Mulher, o Plano de Prevenção e Combate à Violência baseada no Gênero e o Plano sobre a Mulher, Paz e Segurança. O país também adoptou a Declaração e Plataforma de Acção de Beirute, que dentre vários objectivos consagra a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres.

\*Nomes fictícios para proteger a identidade dos entrevistados

## Covid-19 agudizou as carências

Maira Domingos, directora de Programas do Fórum Mulher, explica que a violência baseada no gênero está associada aos estereótipos ainda prevalentes na sociedade, as assimetrias de poder e da cultura do patriarcado que condicionam atitudes e identidades de masculinidade e feminidade que conduzem à perpetua desigualdade entre homens e mulheres, como resultado de processos de socialização de mulheres e homens.

Refere que a violência sempre esteve patente no nosso meio social e com as restrições resultantes da Covid-19, a violência está a ganhar outras proporções.

A nossa fonte sublinha que a violência baseada no gênero assume dimensões múltiplas e ocorre nas diversas condições, com impacto no ambiente familiar e social e

estas estão a gerar confusões no seio das famílias, facto que, muitas vezes, acaba desaguando na violência", relata.

A fonte acrescenta que, devido às restrições resultantes da pandemia, as pessoas estão mais tempo fechadas, sem alimentos suficientes e isso abre espaço para pandemónios no seio familiar, porque o homem, como chefe de família, muitas vezes desempenha o papel de provedor e quando fica sem emprego perde esse poder e, automaticamente, à sua dignidade.

Continua referido que numa situação de fraqueza, o homem nerva-se facilmente e interpreta qualquer comportamento de gozo ou desprezo e responde com alguma violência.

Maira diz que o inverso também acontece nos homens. Estes sofrem a violência psicológica da parte das suas parceiras, porque perderam as suas fontes de renda.

"Como Fórum Mulher, não temos dados estatísticos oficiais sobre os índices de violência doméstica baseada no gênero em tempos da Covid-19, mas pelo nível de casos que são reportados, há indicações de que a pandemia empobrecerá mais as pessoas e as dificuldades têm uma relação directa com os níveis de violência que se verifica no seio das famílias".

Refere que, ao contrário de muitos crimes, os casos de violência doméstica ou contra direitos da criança são de difícil rastreio, porque acontecem no seio familiar. Assim, muitas vezes, as vítimas ou outros membros da família não denunciam, porque temem ver seu parente detido ou responsabilizado por estas práticas.

Outra situação que favorece a impunidade de crimes contra a violência baseada no gênero é o discurso social que reforça estas brutalidades.

"Em algumas regiões do país, quando o marido bate na esposa é visto como um acto normal e até se eleva a masculinidade do agressor. Em muitas comunidades ainda persistem tradições

de instrumentalização para a obediência forçada da mulher. A sociedade continua a educar a mulher no sentido de que, para manutenção de um lar, é preciso ter paciência, ser obediente e submissa", finaliza.

## Crises propiciam actos de violência

A directora executiva do Fórum da Sociedade Civil para os Direitos da Criança (ROSC), Benilde Nhalitilo, conta que os casamentos prematuros constituem uma violação dos Direitos Humanos e perpetuam a pobreza, violência baseada no gênero, problemas de saúde reprodutiva e perda de oportunidades de empoderamento das mulheres e raparigas.

Acrescenta que as crises sociais propiciam actos de violência, e o mesmo pode estar a acontecer neste momento que o mundo e o país estão a viver situações calamitosas resultantes da pandemia da Covid-19.

"Vimos isso com as dificuldades sociais que surgiram após os ciclones Idai e Kennedy. Assistimos o mesmo cenário com o terrorismo em Cabo Delgado. Acreditamos que com a pandemia não há excepções. Os grupos vulneráveis estão a ser mais prejudicados", explica.



Maira Domingos

urge a necessidade da sua eliminação.

Avança que numa situação de crise, como a que se está a passar devido a Covid-19, as carências domésticas ficaram mais acentuadas, as desigualdades sobressaem e os grupos vulneráveis é que são mais sacrificados.

"Com a pandemia da Covid-19, muitas empresas fecharam por dificuldades financeiras e várias famílias ficaram sem fontes de renda. Muitas vezes, estas carências



Benilde Nhalitilo